

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Centro de Artes**  
**CURSO DE DANÇA - LICENCIATURA**



**Trabalho de Conclusão de curso**

**Eu, Vento:**

Um caminho de criação coreográfica em Dança de Rua

Deivid Garcia Viegas

Deivid Garcia Viegas

**EU, VENTO:**

Um caminho de criação coreográfica em Dança de Rua

Trabalho acadêmico  
apresentado ao Curso de  
Dança - Licenciatura do Centro  
de Artes da Universidade  
Federal de Pelotas como  
requisito parcial à obtenção de  
título de Licenciado em Dança.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Alexandra Gonçalves Dias

Pelotas 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

V656e Viegas, Deivid Garcia

Eu, vento : um caminho de criação coreográfica em dança de rua / Deivid Garcia Viegas ; Alexandra Gonçalves Dias, orientadora. — Pelotas, 2020.

45 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança)  
— Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

· Danças urbanas. 2. Dança de rua. 3. Processo criativo. 4. Criação em dança. 5. Pesquisa em arte. I. Dias, Alexandra Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 793.3

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Deivid Garcia Viegas

Eu, Vento: Um caminho de criação coreográfica em Dança de Rua

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 30 de Junho de 2021

Banca examinadora:

Prof. Dr<sup>a</sup>. Alexandra Gonçalves Dias (Orientadora)  
Doutora em Dança pela University of Roehampton

Prof. Dr<sup>a</sup>. Josiane Gisela Franken Corrêa  
Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Fonseca Falkembach  
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Jacery Garcia e Selmar Viegas, e ao irmão Jairo Marçal Viegas, os quais não importa onde estão amo vocês. Aos meus irmãos Rosane Viegas, Diego Leal, Victor Teixeira, Elton Viegas e Rita Viegas, sem seu apoio eu não estaria aqui!

A minha orientadora, a Profa. Alexandra Dias, por ter me guiado e levantado nesse processo, por ter feito de mim um professor e artista melhor, proporcionando aprendizados que vou levar para a vida.

A Pró-Reitoria de Assistências Estudantil da UFPel, por me fornecer um lugar para viver nessa trajetória que foi a graduação.

Ao meu professor e amigo Taison Duarte por proporcionar um espaço de aprendizado e essa amizade todos esses anos. A todos amigos e colegas da Rua em Cena Cia de Dança, os quais tive momentos inesquecíveis em cena ou na vida, agradeço por terem me feito feliz.

Também aos amigos que fiz em Pelotas, Jonas, Vanessa, Kelly, Naum, Grazi, Nan, Mailson, Bruno, Lais, Micheli e Amália por todo apoio em momentos difíceis e momentos felizes. Graças a vocês eu pude chegar até aqui hoje e inteiro, vou levar um pedacinho de cada um para minha vida inteira e amo vocês.

A todos amigos e colegas que fazem e/ou fizeram parte da minha trajetória na dança tanto na universidade como nos diversos locais por onde passei.

Obrigado a todos!

## Resumo

VIEGAS, Deivid Garcia. **Eu, Vento: Um caminho de criação coreográfica em Dança de Rua**. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Este estudo desenvolveu, por meio da perspectiva da pesquisa *em arte*, uma reflexão acerca de um fazer artístico em Dança de Rua. Realizou uma escrita conjunta ao processo coreográfico a qual descreve e reflete sobre a construção dessa pesquisa prática. Os objetivos do trabalho envolveram compreender-me como artista, observar que modo desenvolvo meu trabalho em Dança de Rua, e como isso influencia no meu ensinar e pesquisar a dança. A partir disso, fui capaz de compreender o processo que me constitui como professor-artista-pesquisador de dança. Nesse percurso, criei um processo artístico que parte de minhas vivências nas Danças de Rua, associadas à imagem do “vento” como metáfora propulsora da criação. Minha escrita partiu do processo de produção artística do solo “Eu, Vento” em diálogo com os autores Duarte (2016), Camargo (2013), Ejara (2011) e Freitas (2016), como referências para pensar sobre as Danças Urbanas. Além disso, utilizei o trabalho de Brites e Tessler (2002) e de Dantas (2007), para dar suporte à ideia da pesquisa acadêmica que é guiada pela prática de dança.

**Palavras-chaves:** Danças Urbanas; Dança de Rua; Processo criativo; Criação em dança; Pesquisa em arte.

## Abstract

VIEGAS, Deivid Garcia. **I, Wind: A path to choreographic creation in Street Dance**. 36p. Work Completion of course. Degree in Dance, Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This study developed, from a practice-as-research perspective, a reflection about an artistic practice in Street Dance. Alongside the choreographic process, the work involved a reflective writing which aimed to describe and reflect on the construction of this research practice. The objectives of the work included understanding my role as an artist, observing how I develop my Street Dance work, and how it influences my dance teaching and research. From that, I was able to understand the process which constitutes me as teacher-artist-researcher of dance. Along this path, I created an artistic process that is based upon my experiences in Street Dance, associated with the image of the *wind* as a creative metaphor. My writing departs from the artistic production process of the solo “Eu, Vento” in dialogue with the authors Duarte (2016), Camargo (2013), Ejara (2011) and Freitas (2016), as references to think about Urban Dances. In addition, I used the work of Brites and Tessler (2002) and Dantas (2007), to support the idea of an academic work which is guided by a dance practice .

**Keywords:** Urban Dances; Street dance; Creative process; Dance creation; Practice-as-research.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1:</b> Grupo Angels: Pato (Felipe), Lenon, Eu, Patrick, Paulo e ET (Roberto).....	11
<b>Figura 2:</b> Espetáculo Relógio de Areia (2016).....	12
<b>Figura 3:</b> Blog Eu, Vento.....	19
<b>Figura 4:</b> Casa de Estudantes da Ufpel.....	25
<b>Figura 5:</b> Soprar.....	27
<b>Figura 6:</b> Desviar.....	28
<b>Figura 7:</b> Movimentação de pedaços.....	29
<b>Figura 8:</b> Eu, Vento em processo.....	31
<b>Figura 9:</b> Recomeço .....	34
<b>Imagem 10:</b> Pátio Externo.....	39

## Sumário

<b>NOTA SOBRE OS ELEMENTOS COMPONENTES DESTE TCC</b>	<b>8</b>
<b>1. OUTROS VENTOS E EU</b>	<b>9</b>
1.1 DANÇA DE RUA: SOPRANDO DEFINIÇÕES	14
1.2 PERCURSO METODOLÓGICO	19
<b>2. CAMINHO DOS VENTOS</b>	<b>22</b>
2.1 VENTO QUE VEM	24
2.2 VENTO QUE VAI	25
2.3 EU, VENTO	32
<b>3. TEMPESTADE PASSOU</b>	<b>37</b>
3.1 VENTANDO	40
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>

## **NOTA SOBRE OS ELEMENTOS COMPONENTES DESTE TCC**

Este estudo possui um total de três partes, todas as três devem ser vistas como complementares uma das outras. Este material escrito é um complemento para a prática que será apresentada no dia da banca. Além disso, essa pesquisa ainda disponibiliza um Blog sob o endereço: <<https://eu-vento.blogspot.com/>>, o qual contém materiais que complementam os dados do TCC.

## 1. OUTROS VENTOS E EU

Este estudo é um processo coreográfico e teórico desenvolvido durante as disciplinas de TCC I e II no qual desenvolvi o trabalho solo “Eu, Vento”. Teve como objetivo promover uma reflexão sobre a minha prática artística em dança, tendo como base minhas vivências artísticas, com foco na minha experiência em Dança de Rua, propondo um modo de criar um trabalho coreográfico que se baseia na metáfora<sup>1</sup> de vento. Nessa pesquisa, surge, portanto, a questão motriz acerca de como eu danço e quais os caminhos que escolho ao desenvolver uma dança. Partindo dessa questão, também busquei refletir sobre de que forma meu processo criativo contribui para o meu modo de educar e ser professor de dança. Para compreender todos esses pontos, primeiro foi preciso traçar minha trajetória.

Minha trajetória na dança começou em 2006 em uma festa chamada “Baile do Ninja” na periferia da cidade de Rio Grande (RS). Eu tinha 14 anos e frequentava essa festa com meu irmão mais novo todos os domingos. Lá tocava diversos gêneros musicais como Funk, Pagode, Rap, Axé . A minha primeira experiência com Dança de Rua foi assistir às rodas de dança formadas nessa festa e que aconteciam quando tocava alguma música de Rap em Inglês, que na época eu nem sabia o que era.

Aos poucos, alguns amigos meus da escola (Dr. José Mariano de Freitas Beck - CIEP) começaram a frequentar essas rodas de dança da festa e me convidaram. Eu recusei o convite inicialmente, pois eu acreditava que eu não sabia dançar, porém comecei a ter interesse e aos poucos fui aprendendo alguns passos durante a própria festa. Os primeiros passos que aprendi eram movimentos de Danças Sociais<sup>2</sup>, que na época chamávamos de “passos de black”, e que eram várias pessoas fazendo os mesmos passos juntos. Em 2007 eu decidi avançar na minha prática e aprender os passos do que chamávamos na época de *Street Dance*<sup>3</sup>. Na minha primeira oportunidade de entrar em um grupo de dança fui

---

<sup>1</sup>Figura de Retórica, em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra, que lhe não é aplicável, senão por comparação subentendido” (FIGUEIREDO, 1913 p. 1284)

<sup>2</sup>Movimento ou pequena célula coreográfica comumente composta por 1, 2 ou 4 tempos, reconhecida e executada por algum grupo social, principalmente em ambientes festivos.” (Bianchini, 2018) Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BfLgrzHFoWY/>>

<sup>3</sup> “Este termo surge através da mídia nos EUA. Por não saberem diferenciar um estilo de Dança do outro nas Danças Urbanas, acabaram por intitular Street Dance essas Danças que foram criadas pelo povo, em português significa Dança de Rua.” (OXLEY, 2013 p.30)

recusado por não saber “dançar direito” o que me fez voltar a dançar apenas na festa até ela fechar.

Em 2008 um rapaz conhecido como Chiquinho (Francisco Moraes) resolveu criar um grupo de Dança de Rua na minha escola e fez convites de aula em aula, pensei que esse era o momento para eu começar a dançar *Street Dance*.

Ao chegar no refeitório da escola, o local que foi disponibilizado para as aulas, já haviam várias pessoas dançando. Quando falei que queria entrar no grupo ele pediu para que eu dançasse e assim o fiz. Quando comecei a dançar tentando fazer alguns movimentos de *Breaking*<sup>4</sup>, eu caí no chão e ele pediu para repetir. Fui repetindo e errando até ele dizer para eu fazer o movimento apenas com uma perna. Consegui executar o movimento e, assim, tive minha oportunidade.

Nesse processo de dançar com o grupo da escola, fui apresentado a outras pessoas que dançavam na cidade de Rio Grande, como Marcelo Machado (Biro), que foi a primeira grande referência de dança. Além dele, também conheci o trabalho de Vovô (Uanderson Farias) de Pelotas.

Quando o grupo da escola acabou, dois dos meninos que já dançavam com o Chiquinho, resolveram montar um grupo. Assim, surgiu o grupo “Instinto de Rua”, que era composto por mim, Patrick Almeida, Douglas e Pato (Felipe Castilhos). Como dançarino desse grupo, em 2008, realizei minha primeira apresentação ao público com um trabalho solo. Neste solo, eu fazia um improviso a partir da música *ICE BOX* do cantor Omarion. Esse trabalho mudou tudo em relação a dança e apresentou a mim uma emoção que até hoje sinto e não consigo descrever.

No mesmo festival em que fiz a minha primeira apresentação ao público, o Dança Rio Grande (2008), conheci Milane Garcia, que me convidou para dançar no grupo da escola Nossa Sra. Medianeira. Particpei do grupo no período de 2008 até 2010. Este grupo foi relevante, pois além de ser minha primeira inserção no meio artístico da dança na cidade, foi por meio deste grupo que comecei a ter uma melhor compreensão sobre a importância de fazer aulas e ampliar o meu conhecimento em dança. Além desse grupo, participei também do Grupo Angels, coordenado por Roberto Lima, no período de 2009 até 2010. O Grupo Angels era formado por um grupo de amigos que dançavam juntos há mais de 10 anos. Com eles, participei de vários festivais pelo estado do Rio Grande do Sul, recebendo minhas primeiras premiações como artista.

---

<sup>4</sup> Subdivisão das Danças de Rua, sendo explicado no capítulo seguinte.



Figura 1 - Grupo Angels: Pato (Felipe), Lenon, Eu, Patrick, Paulo e ET (Roberto). Fonte: Acervo do autor.

Após um período de aproximadamente 2 anos de afastamento do ambiente da dança, na segunda metade de 2013 resolvi voltar a dançar. Eu estava decidido a viver dessa arte, e assim participei de alguns eventos e foquei em entrar para o curso de dança em 2014.

Em 2014, entrei para o curso de dança, o qual me proporcionou diversas experiências de aprendizado artístico e pedagógico, não só em Dança de Rua, como em outras práticas de dança. Na universidade conheci o colega Taison Furtado Duarte e comecei a participar do Rua em Cena Companhia de Dança (REC) na qual no presente momento da pesquisa ainda sou integrante, na companhia Taison é diretor e coreógrafo, bem como bailarino e egresso do Curso de Dança da UFPel, também uma das principais referências para essa pesquisa. Com a Rua em Cena participei de diversos festivais fora da cidade de Pelotas, nos quais tive contato com algumas das principais referências mundiais das Danças de Rua, como Buddha Stretch, Marcus Maquest, Edson Guiu entre outros. Também fiz minha primeira participação em um espetáculo de dança em 2016 com o trabalho “Relógio de

Areia”. Os trabalhos com a REC<sup>5</sup> influenciam muito o meu processo de criação em dança como também a minha estética de movimentação em Dança.



Figura 2 - Espetáculo Relógio de Areia (2016). Fonte: Acervo da Rua em Cena Companhia de Dança.

Na Universidade, no Curso de Dança, pude experienciar outras práticas de dança que não apenas as Danças de Rua. Algumas dessas experiências com dança na universidade foram mais marcantes, como as práticas com Danças Afro, estéticas de Dança Contemporânea e algumas Danças Folclóricas. Essas experiências, transversalmente ao trabalho na REC, influenciaram no meu modo de me movimentar. A partir dessa mistura de influências pude aprofundar meus estudos em dança, em específico nesse fazer que denomino como Dança de Rua, a qual entendo, com base no trabalho de Duarte, como “uma mistura de diversas técnicas de outras danças” (DUARTE, 2016, p.18).

Ainda no Curso de Dança, participei de dois projetos, os quais me colocaram na posição de professor. Assim, participei do projeto Poéticas da Diferença, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Eleonora Santos, nos anos de 2014 a 2015 . Além disso, fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2016 a 2018. Ambos projetos possibilitaram a construção de uma relação entre

---

<sup>5</sup> Sigla utilizado pelos dançarinos da Rua em Cena Companhia de dança para referenciar a companhia.

minha trajetória em Dança de Rua e o ensino da dança. Essa experiência docente foi muito significativa e me impulsionou a desenhar este TCC no qual busco aprofundar a reflexão sobre como o meu criar afeta o meu ensinar.

## 1.1 DANÇA DE RUA: SOPRANDO DEFINIÇÕES

Para ser possível falar de Dança de Rua primeiro é preciso entender o que seria essa forma de dançar. Dança de Rua ou Danças Urbanas é um termo utilizado para falar de um conjunto de Danças Populares de matrizes afro-americanas de contexto urbano, e que surgiram em diversas partes do mundo, mais especificamente, EUA, Jamaica e Brasil.

Engloba os Estilos específicos e existentes que se originaram em festas black e através das Danças Sociais: Hip Hop Dance, Vogue, Waacking, Stiletto, Krumping, Ragga Jam, House Dance, Danças Sociais, bem como suas especificidades. (OXLEY, 2013, p.30)

Segundo Camargo (2013, p.42) o termo *Street Dance* foi utilizado pela primeira vez e primariamente pela imprensa norte-americana em 1929 para falar dos artistas que dançavam nas ruas Estadunidenses em busca de sustento após a super crise econômica de 29. Porém “as técnicas e estéticas que conhecemos hoje como Street Dance ainda não haviam sido criadas” como afirma Duarte (2016, p.18).

O termo *Street Dance* se popularizou com a origem da Cultura Hip Hop<sup>6</sup>, o qual fazia referência à dança *Breaking* ou às *Old School*<sup>7</sup>, que surgem inicialmente como as danças dessa cultura ou como um dos Quatro Elementos do Hip Hop<sup>8</sup>. Na sua maioria, os pesquisadores e artistas brasileiros como Taison Furtado Duarte (2016), Emerson Camargo (2013), Frank Ejara<sup>9</sup> (2011) preferem utilizar o termo Danças Urbanas, na tentativa de fugir de uma tradução literal de *Street Dance* (Dança de Rua).

O problema seria que o termo Dança de Rua sofre algum preconceito por ser menos comercial do que o termo em inglês e um preconceito automático por ser uma manifestação de arte periférica (Furtado, 2016). Sendo assim o professor e coreógrafo Frank Ejara traduziu o termo *Urban Tanz* do dançarino alemão Storm

---

<sup>6</sup> Movimento artístico Norte-Americano, construído a partir de uma mescla de diversas outras culturas em meados da década de 70, apresentada inicialmente pelos seus quatro elementos. (OXLEY, 2013)

<sup>7</sup> As Old School das Danças de Rua são os subgêneros, Breaking, Locking e Popping.

<sup>8</sup> Os quatro elementos da Cultura Hip Hop são MC (Mestre de cerimônia), DJ (Disc jockey), Graffiti e B-boy & B-girl (Dança Breaking). Atualmente há uma discussão sobre um quinto elemento que seria o **Conhecimento**. (COLOMBERO, 2011).

<sup>9</sup> Dançarino, coreógrafo, professor de Danças Urbanas e Diretor da companhia Discípulos do Ritmo da cidade de São Paulo - SP.

Robitzky<sup>10</sup>, o qual traduzido literalmente seria Danças Urbanas, pois na Alemanha a dança sofria o mesmo problema que no Brasil (EJARA, 2011).

Para esse estudo, farei uso do termo Danças de Rua. Vale ressaltar que não pretendo deslegitimar o termo Danças Urbanas, pois acredito que ambos podem ser utilizados para falar da dança a qual eu acredito e que é apresentada neste trabalho. Portanto, entendo que Danças Urbanas e Danças de Rua são termos para a mesma dança, como afirma Ejara (2011) quando diz que ambos são sinônimos. A escolha pelo termo Dança de Rua neste trabalho é para que este possa ser validado como uma opção de uso e uma escolha pessoal que também remete à minha vivência e trajetória na dança. Tendo em vista que o termo proposto por Ejara, teria como base uma busca de valorização e melhor aceitação para esta prática, acredito que usar Dança de Rua, serve também como uma forma de protesto e defender essa dança como elemento de uma cultura.

Entretanto essa definição que vê os conceitos de Dança de Rua e de Danças Urbanas como intercambiáveis não é a mesma defendida por Rafael Guarato<sup>11</sup>. O autor diz que “‘dança de rua’ e ‘danças urbanas’ não são sinônimos e não se configuram como simples termos descritivos” (2020, p.118). O autor defende que a Dança de Rua, que surgiu em Uberlândia-MG com o grupo “Turma do Jazz de Rua” em meados da década de 1980-1990, seria um processo híbrido de *Jazz*, *Funk* e *Breaking* e não uma continuação ou o mesmo fazer da dança norte-americana. Para Guarato, Danças Urbanas seria um termo criado por Ejara para especificar um conjunto de danças com regras próprias (no caso as *Street Dances* norte-americanas) e que em teoria não aceitaria esse processo de hibridação.

Porém, tendo como as referências os autores acima citados e minhas vivências e de outros artistas, por Danças Urbanas e Dança de Rua serem danças populares, e na maioria das vezes serem transmitidas de forma empírica, elas sofrem processos de transformação de acordo com o ambiente na qual elas estão inseridas assim como sua diversidade de origens, como afirma Camargo, ao falar sobre Hip Hop *Freestyle*:

---

<sup>10</sup> Coreógrafo e dançarino alemão, reconhecido mundialmente no meio das Danças de Rua. Para conhecê-lo, acesse: <http://www.stormdance.de/>

<sup>11</sup> Historiador da dança e professor do curso de graduação em Dança e dos Programas de Pós-Graduação em Artes da Cena e Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em História e Líder do Grupo de Pesquisa em Memória e História da Dança (CNPq) e integrante do grupo Descentradxs - Descentrar la Investigación en Danza.

a diversidade que deu origem às Danças Urbanas e que continua a promover evoluções na dança em qualquer de suas modalidades enquanto as mixagens acontecem, atende pela nomenclatura Freestylin', ou o elemento que, para o Rapper, seria o uso improvisado de rimas soltas. (CAMARGO, 2013, p. 134)

Também vale ressaltar que existe mais de um subgênero composto por hibridações ou pelo uso de outras técnicas não advindas de Danças Sociais ou Afro-diaspóricas norte-americanas. Nesse sentido, posso citar o Passinho do Funk, que faz mesclas utilizando Frevo, Danças Sociais e outras danças brasileiras. Como também existe um subgênero chamado Experimental que surgiu na Europa, o qual Carmago define da seguinte maneira:

Estilo controverso e polêmico bastante difundido na Europa, principalmente na França, discutido por muitos que afirmam não ser uma dança de rua ou uma organização técnica e defendida por outros que a difundem como tal. Nessa "modalidade": o praticante dança como se improvisasse de forma mais livre da maneira usada nas sessions do Freestylin', construídas a partir dos elementos característicos de várias técnicas de danças de rua ou não, dependendo da intenção do intérprete criador e do ritmo da música colocada pelo Dj. Os bailarinos/dançarinos são embalados por músicas que podem não ser a Black Music característica, mas, sim, música minimalista ou música eletrônica, como Triphop, House, Underground e outras. (CAMARGO, 2013 p. 129)

Para o estudo desenvolvido nesta pesquisa e que gerou a dança solo “Eu, Vento”, faço uso de alguns fundamentos e técnicas de diferentes Subgêneros<sup>12</sup> das Danças de Rua. Sendo os mais visíveis no meu trabalho *Hip hop Dance, Breaking e Popping*:

O *Breaking* foi um dos primeiros subgêneros de dança de rua a se estabelecer como técnica. Ele tem seu marco junto à Cultura *Hip Hop*, sendo considerado um dos quatro elementos da cultura e, em teoria, teria surgido junto da *Breakbeat*, conforme fala Camargo:

A B. Beat traduzida grosso modo como o trecho do intervalo dado pelo cantor, enquanto a música segue na forma instrumental, em que os dançarinos ouviam a batida de forma mais clara e tinham mais liberdade para dançar. Porém, o Break, era geralmente muito curto e não dava tempo suficiente para a performance mais elaborada, já que o cantor voltava quando a marcação do ritmo estava no auge praticamente interrompendo toda a dança. A Break Beat no começo foi chamada também de Be Bop, Beat, Rap e mais tarde de Hip Hop. (CAMARGO, 2013, p.47, 48)

---

<sup>12</sup> Termo utilizado para explicar as ramificações das danças de rua.

O *Breaking*<sup>13</sup> tem como características cinco conjuntos de movimentações sendo eles, *Top Rock*, *Footwork*, *Drop*, *Freeze* e *Power Move*.

Acontece em sua maior parte na linha horizontal, com os movimentos de footwork e freeze, ou seja, no chão. Mas também tem como característica o Top Rock, movimento com muitas marcações dos pés no chão, virando de um lado para o outro e que também pode ter influência de outras danças, como a Salsa e outros subgêneros das Danças Urbanas. (DUARTE, 2016, p.22)

*Popping* é um subgênero de Dança de Rua constituído de várias danças como *Poppin'*, *Snakeman*, *Boogaloo*, sendo ele primariamente criado por Sammy Solomon, também conhecido Boogaloo Sam<sup>14</sup>. Segundo Camargo (2013), o *Popping* como subgênero, tem duas principais características: o *Waving* e o *Ticking*.

O *Waving*, traduzido como movimento ondular ou simplesmente onda, consiste na propriedade da passagem contínua da força pelas partes do corpo, criando um movimento de onda. O *Ticking*, traduzido como travada ou tique, é o estilo que utiliza constantes contrações musculares repentinas". (CAMARGO 2013, p.88)

O *Hip Hop Dance* é uma dança híbrida que surge inicialmente das Danças Sociais, e faz aproveitamento de movimentações próprias do dançarino e movimentações de outras danças como *Popping* e *Locking*<sup>15</sup>. Segundo Duarte, "o *hip hop Freestyle* tem em seus movimentos básicos um fluxo no tronco que impulsiona o corpo para baixo" (2016, p.25). Esta dança teve como seu principal ponto de destaque os videoclipes<sup>16</sup> de música nos anos 80 e 90 os quais os cantores sempre estavam acompanhados de dançarinos ou eram de *Crews*<sup>17</sup> de Dança. Como acrescenta Duarte: "Esta dança ganhou força com o grupo de dança Elite Force Crew<sup>18</sup> e ganhou visibilidade em clipes de cantores como Michael Jackson, Mariah Carey e Usher" (DUARTE, 2016, p.25).

---

<sup>13</sup> Exemplo de prática deste subgênero Video: <<https://youtu.be/8mLNxNpMoBo>>.

<sup>14</sup> Vídeo de Boogaloo sam Dançando Popping.Disponível em: <<https://youtu.be/zGiKVmFw7RU>>.

<sup>15</sup> "O Locking surgiu na Califórnia no final dos anos 60 e Los Angeles foi sua cidade de origem. Criado por Don `Campbellock" Campbell, que em 1972 formou o grupo The Lockers, considerado o primeiro grupo profissional de Street Dance da história, também é tido como O estilo cômico das danças de rua. Claramente se vê no Lockin' a influência do Original Funk e de algumas movimentações das artes marciais, como, por exemplo, quando as movimentações de mãos remetem ao manejo do Nunchaku, arma branca oriental." (CAMARGO, 2013 p. 83)

<sup>16</sup>Exemplo de videoclipe contendo Hip Hop Dance Disponível em: <<https://youtu.be/BnxuAL8E9iM>>.

<sup>17</sup> Termo usado para definir alguns grupos de dança ou da Cultura Hip Hop.

<sup>18</sup> Grupo que formou-se em 1992 no set do videoclipe "Remember the time" do cantor Michael Jackson. O grupo difundiu o subgênero mundo afora. Para conhecê los acesse: <<http://www.eliteforcecrew.com/en/home/>>

A opção pelo termo Dança de Rua e os subgêneros apresentados (*Hip hop Dance, Breaking e Popping*) dialogam com minha trajetória e formação específicas. O processo de construção do solo “Eu, Vento” auxiliou a evidenciar essas questões.

## 1.2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho parte de uma metodologia que tem o trabalho coreográfico o qual a metáfora de vento como disparador inicial. A partir disso, elaborei, em conjunto com meu imaginário coreográfico vindo das minhas vivências pessoais e em Dança de Rua, uma forma alternativa de articular a construção de uma temática coreográfica com a capacidade da cultura *hip hop* de conviver com outras propostas artísticas (FREITAS, 2016). Sendo assim, nesse meu processo coreográfico específico, utilizo a imagem de vento como temática poética e imagem propulsora da reflexão.

Como esta pesquisa foi desenvolvida pelo próprio artista, por meio de um processo de construção de uma coreografia junto de uma construção teórica, este trabalho é uma pesquisa *em arte* e não uma pesquisa sobre arte, como esclarece Dantas:

A pesquisa sobre arte aporta um ponto de vista exterior sobre as obras de arte, os processos artísticos, as condições de recepção da obra, as relações sociais e econômicas que permeiam a produção e a recepção das obras. A pesquisa em arte se situa no contexto de uma prática pessoal, é conduzida e realizada pelo artista a partir do processo de instauração da obra, articulando num mesmo processo a produção de uma obra ou situação artística e uma forma de saber sobre esta produção que interage com a obra. (DANTAS, 2007 p. 14).

Assim, o trabalho como pesquisa *em arte*, realiza um desenvolvimento teórico que tem a mesma importância da produção artística e não é “[s]implesmente justaposta, mas rigorosamente articulada a fim de constituir um todo indissociável” (LANCRI, 2002). Essa metodologia construída, inicialmente, para pesquisas em artes visuais e depois desenvolvida por Dantas (2007), tendo a dança como foco, é importante para minha prática em dança, pois me auxilia a desenvolver um trabalho prático ao mesmo tempo que dá suporte à uma reflexão teórica acerca do meu modo de dançar Dança de Rua. Como afirma Rey, esta metodologia

não pressupõe a aplicação de um método estabelecido a priori [...], porque o pesquisador, neste caso, constrói o seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que desenvolve a pesquisa. (REY, 2002: p.132).

Tendo essa perspectiva como base, ao longo da construção da minha prática e processo de desenvolvimento desta pesquisa, foi possível perceber que utilizei

como métodos: a) compor um trabalho solo de dança; b) falar sobre o trabalho; c) escrita reflexiva em diário de prática e blog do trabalho; d) estudo bibliográfico.

A composição em dança “Eu, Vento” que desenvolvi ao longo dessa pesquisa teve como função me auxiliar e aprofundar o desenvolvimento do meu trabalho, pois ao experimentar e sentir no corpo, tornou-se possível observar e refletir acerca de cada movimentação e sensação e como isto afeta no meu modo de pensar sobre dança.

Ao falar sobre o trabalho, em conversa com outros artistas, professores, minha orientadora, e amigos, foi possível compreender o trabalho. Falar sobre o que eu estava fazendo deixou mais claro para mim cada escolha e permitiu que muitas ideias ou significados, que poderiam ficar num nível mais inconsciente, se tornassem evidentes (REY, 2002).

Ao fazer anotações sobre a minha prática, e a partir destas conversas, eu consegui ver os caminhos da pesquisa. Nesse sentido, outra ferramenta importante para a pesquisa foi o blog feito exatamente para este fim. O blog funcionou como um diário de processo aberto. No blog “Eu, vento” apresento escritas curtas, fotos, vídeos do processo artístico, como também registro os referenciais que utilizei para compor esta pesquisa. O blog está disponível no endereço <https://eu-vento.blogspot.com/>.

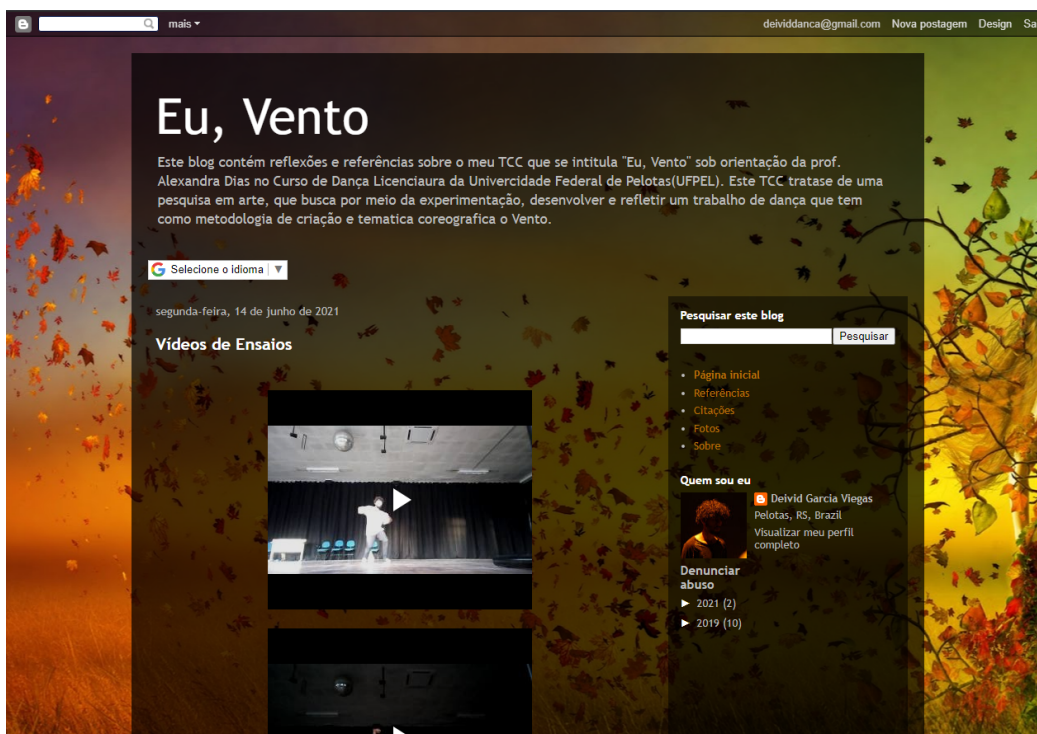


Imagem 3 - Print do Blog. Fonte: Acervo da Pesquisa.

A pesquisa bibliográfica me ajudou no sentido de compreender e conceitualizar aquilo que construí. A partir disso, pude entender melhor como minha obra funciona e como ela se localiza no contexto da dança de hoje.

A utilização destes métodos visou desenvolver tanto a pesquisa artística como também teórica, de modo que auxiliaram a compor um registro e ajudaram na reflexão do trabalho.

## 2. CAMINHO DOS VENTOS

No início da trajetória dessa pesquisa, a experimentação de movimentos seguia por um caminho no qual eu enxergava meu processo de criação como uma forma híbrida. A partir da ideia de hibridização, eu acreditava que em minha dança eu unia subgêneros da Dança de Rua, seguindo a ideia de Duarte na qual a “dança de rua como gênero comporta várias subdivisões” (DUARTE, 2016). Com o decorrer do processo de pesquisa, a partir dos métodos empregados, essa visualização se alterou e eu compreendi melhor a forma que meu movimento, e meu trabalho de composição coreográfica, acontece.

Neste processo, primeiro veio uma imagem de leque, no qual eu via os subgêneros de dança e minhas experiências como um leque de possibilidades em minha dança. Porém percebi que minha dança, meu modo de criar e fazer a dança, não era esse leque, mas sim, o que o leque produzia, neste caso, o vento.

Percebendo o vento como meu método disparador de criação, foi possível observar e experimentar como esse vento acontece na movimentação do meu corpo. Assim, em meu trabalho, observo que transito de um movimento a outro, ou de um subgênero a outro, como se fosse o vento mudando sua direção ou intensidade. Assim, escolho a qualidade do movimento desejada.

Inicialmente, no processo de criação, eu tinha a imagem de vento como força da natureza, ou seja a imagem do vento como vemos no dia-a-dia, ao vê-lo passar pelas árvores, ou como um exemplo a cena da sacola de Plástico<sup>19</sup> no Filme Beleza Americana<sup>20</sup>. Com o decorrer do trabalho, comecei a pensar também em como seria o vento como temática poética de pesquisa em dança, ou seja, o vento não seria apenas a força da natureza mas também sentimentos e relações pessoais.

Dessa forma, primeiramente investiguei o vento em minha dança como força da natureza alterando a forma como relaciono e organizo os movimentos em si. Após, me perguntei “o que é vento para mim?”. A resposta veio no decorrer da pesquisa a partir de um acontecimento pessoal na qual tive que me despedir de uma pessoa importante para mim. Com isso, percebi que vento para mim também está na forma como me relaciono com as pessoas.

---

<sup>19</sup> Trecho disponível em: <<https://youtu.be/WukwGuf1deA>>

<sup>20</sup> Filme Norte-Americano, lançado em 2000 e dirigido por Sam Mendes. Premiado com Oscar de Melhor filme em 2000.

Assim, o vento em minha pesquisa, além de elemento da natureza, trata-se de como me relaciono, de como as pessoas me tocam, e se tocam mutuamente. Assim como o vento na natureza, as pessoas podem nos tocar de forma leve, como uma brisa ou de forma destruidora como um tornado ou simplesmente passam e nunca mais sabermos como vai ser, ou como diz o ditado popular: “A vida é um sopro”.

Trazendo essas duas ideias de vento para minha pesquisa em dança, eu produzi movimentos de Dança de Rua, que trazem até mim essas sensações. Desta forma, no trabalho de composição coreográfica utilizei movimentos de Dança de Rua e de seus subgêneros, bem como de outras vivências corporais que eu tenho em meu corpo. Percebi que nessa articulação os movimentos originários de diferentes estilos/gêneros e subgêneros não perderam suas características e conseguiram se relacionar com a temática de vento. Como diz Camargo:

Dispomos de recursos que já fazem parte destas linguagens desde a origem e o seu uso não implica na desconstrução da técnica e sim, em amadurecimento e enriquecimento quanto expressão artística, com a possibilidade de explorar outras linhas de criação... (CAMARGO, 2013, p.183).

A partir deste ponto, meu processo coreográfico encaminhou-se com mais direcionamento. A ideia do trabalho foi explorar: 1) o vento como modo como as pessoas se relacionam; 2) o vento como meu modo de criação em Dança de Rua.

## 2.1 VENTO QUE VEM

Este trabalho foi concebido a partir da compreensão de que a movimentação, criada a partir da pesquisa prática, possibilita a construção dramática. Ou seja, a imagem do vento que guia este processo surgiu a partir dos ensaios.

Esta pesquisa partiu do estudo do movimento, na tentativa de compreender como ele acontecia, suas formas e as sensações que trazia. O estudo buscou entender como o movimento foi, aos poucos, agregando características que ganharam sentidos no decorrer do processo. Inicialmente eu tinha a imagem de leque em mente, e esta estava relacionada à gama de gêneros e subgêneros da Dança de Rua disponíveis. Por meio da prática, percebi que minha dança estava relacionada ao conjunto e não aos elementos separados, e assim cheguei à imagem de vento.

Tendo em mente que “a dramaturgia na dança está ligada à criação, ela também está associada ao treino, ao processo, ao ensaio e aos corpos em movimento” (ALMEIDA, SCIALOM, 2019, p.102), busquei pesquisar em meus ensaios o que eram esses ventos e de que forma eles aconteciam.

Assim, enquanto experimentava e sentia no corpo essa ideia, comecei a tentar compreender o que eu podia falar a partir dessas movimentações. Assim, percebi, como afirma Almeida e Scialom, a “dramaturgia como energia que nasce no processo” (2019, p.109). Desse modo, manipulei meu trabalho de acordo com a orientação técnica e estética que define minha trajetória (a Dança de Rua em diálogo com outras práticas). Esta prática foi capaz de desenvolver uma dramaturgia a qual eu defini como: o vento é como a própria vida e a relação que estabeleço com outras pessoas pode ser vista como um “ventar” — vai e vem, desvia, é brisa, e às vezes é tornado.

Na vida cotidiana e em relações, eu olhei para o vento da mesma forma como olho para as pessoas: movimento, tempo e troca. As pessoas são como o vento ao passar por nós, sinto como se cada pessoa fosse um vento particular, é único, e acontece apenas uma vez em um único momento no tempo. Os acontecimentos da vida cotidiana nos tocam da mesma forma como as pessoas que passam por nós geram uma troca única, de intensidades diferentes, influenciando na forma ou modo como agimos, e fazendo nosso próprio vento de formas diferentes.

## 2.2 VENTO QUE VAI

O trabalho se construiu através de ensaios que aconteceram pelo menos três vezes por semana. Esses ensaios variaram de intensidade, dependendo de como eu acordava no dia. Assim, percebi que meu estado de ânimo influenciava como eu desenvolvia os movimentos. Compreendi que minha dança se desenvolve a partir de como eu sinto o vento, o mundo. Ou seja, se eu acordo desanimado, eu posso ser como um dia chuvoso que tem um vento irritante, ou se acordo bem, sou como um dia belo que tem uma brisa gostosa. Quando não estava bem comigo mesmo as movimentações geralmente não fluíam e assim a pesquisa e o processo coreográfico também não.

Estes ensaios aconteceram pelo horário da manhã, pois é o horário no qual consigo me concentrar para estudar e desenvolver trabalhos em dança, e aconteceram no período do primeiro e segundo semestre de 2019, e retomados no início de 2021 até a apresentação prática do mesmo para a banca de avaliação do TCC. O desenvolvimento prático da pesquisa sofreu a interferência da Pandemia Mundial relacionada ao surto de Covid-19<sup>21</sup>, o que ocasionou uma pausa na prática no ano de 2020, pela interdição dos espaços utilizados para o criar dança. Porém, em contraponto, proporcionou tempo para um melhor desenvolvimento da parte teórica da pesquisa.

A prática foi desenvolvida em diferentes espaços na maioria das vezes no espaço do térreo da moradia estudantil da casa de estudantes da UFPel e quando era possível em uma das salas de aula prática do Curso de Dança como a sala do Globo na AABB e a sala 101 no bloco dois do Centro de Artes da UFPel, como também foi utilizado a quadra de esportes do condomínio Venezia (Fragata - Pelotas) na qual uma amiga morava.

---

<sup>21</sup> “A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.” MINISTÉRIO DA SAÚDE (2019). Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>>



Figura 4 - Ensaio na Casa do Estudante da Ufpel. Fonte: Acervo da Pesquisa.

A escolha de três ensaios por semana foi definida pela disponibilidade de tempo, e me proporcionou tempo adequado para a realização desta pesquisa específica. Além disso, durante a pesquisa, desenvolvi outros trabalhos relacionados à Dança de Rua, os quais contribuíram para este projeto. Sempre busquei estar em movimento como bailarino e professor de dança e permiti que estes outros trabalhos atravessassem minha forma de dançar e meu pensamento sobre minha dança. Como bailarino estudo e aprendo movimentações novas que sempre contribuem para meu repertório de movimentos. Como professor eu tenho a possibilidade de explorar formas de construção coreográfica e costura de movimentos o que me auxiliou na produção do meu solo.

A dança “Eu, Vento” aconteceu a partir de dois pontos: o primeiro tratou-se da definição da ideia do vento como um disparador inicial<sup>22</sup>, temática do trabalho de dança.

O segundo ponto de partida percebe o vento como modo de composição coreográfica. Assim, o vento é algo voltado para as percepções corporais, em como começo a sentir a dança e como a executo, se ela tem fluidez entre os movimentos e de que forma meu corpo responde a cada um destes. Nesse sentido, percebo o vento fluir no meu corpo, de modo que busquei perceber como cada movimento

---

<sup>22</sup>No decorrer do processo percebi outros disparadores possíveis como o estímulo musical, ou a conversa com algum amigo. Às vezes estes outros disparadores apareciam com uma predominância tão marcante que acabavam fazendo toda a movimentação girar em torno deles, fazendo com que eu dançasse eles, apenas pelo ímpeto de dançar ao invés do vento.

acontecia partindo do movimento anterior. É como se meu corpo falasse por meio de impulsos e sensações que ajudam a escolher qual o melhor movimento seguinte e qual deles é mais confortável.

A partir destes dois pontos eu começo a ventar. Na minha prática isso acontece no momento em que eu observo como a movimentação está se desenvolvendo, começo a pensar nela como vento. Assim os movimentos que apenas faziam alusão à alguma temática ou a música, até mesmo a movimentação de Dança de Rua, começam a se tornar mais fluidos e passam a mudar suas dinâmicas<sup>23</sup>, e não seguir apenas uma linha de movimento.

Ao pensar em meu movimento como vento (ventar), eu transito entre focos, elementos que definem e me ajudam a expressar o que quero dizer ou ser. Esses focos são as intenções do vento, as memórias pessoais e corporais que tenho, ou elementos secundários na música, tudo que passa pela minha cabeça na hora que estou criando. Ao mesmo tempo, busquei formas de meu vento não se manter apenas em uma direção. Por meio de improvisação eu pude criar o que chamei de “barreiras imaginárias”, barreiras essas que podem ser uma parede invisível, mas que o vento é obrigado a desviar, já o formato dessa “parede” pode variar, pois se ela for uma pessoa? um objeto pequeno, inclusive uma parede mesmo? o vento têm que passar por ela, mas eu sou o vento? então como eu vou passar por ela? Que direção eu tomo? são questões que eu fazia.

Ao pensar no vento, percebi de que formas o movimento ficava mais confortável e fluido para mim. Desta forma, busquei que as movimentações estivessem ligadas entre si, e assim elas transitavam entre os subgêneros de Dança de Rua, como *Hip hop dance*, *Popping*, *Breaking*, conforme anunciei e defini no capítulo 1.

Além destes, esse trânsito também envolveu minhas outras vivências de dança, como por exemplo a Dança Contemporânea e danças Afro-brasileiras que experimentei na universidade. Considero que minhas experiências pessoais relacionadas ao meu dia a dia como por exemplo caminhar na rua, observar o entorno, conversas com amigos, também colaboram para meu processo de composição.

---

<sup>23</sup> Dinâmica de acordo com o conceito de Laban, não trata apenas de mudanças de tempo e peso, mas também de mudanças de espaço e fluência. Dinâmica é a resultante expressiva do movimento quando duas ou mais qualidades de esforço se organizam simultaneamente. (Rengel, 2001, p. 50)

Para mim, pensar em ventar (meu corpo como vento) foi uma forma eficaz de costurar os movimentos em uma sequência coreográfica. Assim, quando adicionava um elemento a mais no processo coreográfico, surgia um novo caminho. Desta forma, ao longo do processo, desenvolvi movimentações que são guias para as células coreográficas, ou seja, são propostas de exploração de movimento, que mais tarde geraram coreografia do solo “Eu, Vento”. Estes guias são: “Soprar”, “Eu sou vento”, “Desviar”, “Pedaços”, “Tornado”.

- SOPRAR

O soprar é uma movimentação que têm a respiração como foco principal, esse movimento acontece diversas vezes em conjunto de outros, mas sua principal característica é quando eu expiro ar com força e por um tempo razoável, em média 3 a 5 segundos, e eu desacelero todos os outros movimentos que estão acontecendo em conjunto. Nessa movimentação é como se eu tomasse o vento ambiente para mim e esta é a coisa mais importante no momento, eu sinto como se todo o ar saísse do meu corpo e eu me torno pesado. Como na foto abaixo na qual eu inspiro, trazendo ar para dentro do meu corpo, e desenhando o caminho do ar em meu corpo, para logo em seguida expirar e empurrar o ar para fora e utilizo as mãos para mostrar o vento saindo.



Figura 5 - Soprar. Fonte: Acervo da pesquisa

- PENSAR QUE SOU VENTO

Diferente do “soprar” no qual sinto que eu crio vento, na célula “Pensar que sou Vento”, eu utilizo a técnica do *waving* da Dança de Rua. O *waving* de acordo com Camargo é “composto por uma série de movimentos fluidos que dão a aparência de uma onda estar viajando através do corpo do dançarino” (CAMARGO, 2013 p.92). Quando penso que sou vento o movimento parte das escápulas, passando pelo ombro seguindo para o cotovelo transitando até o pulso e finalizando nos dedos, porém geralmente ele vem acompanhado de repetições, as quais acabam por reverberar para todo o corpo. Nele eu penso na imagem de uma bandeira ao vento ou da imagem de desenho infantil de vento, as quais geralmente é representado com ondulações no ar.

- DESVIAR

Um terceiro conjunto de movimentos eu chamo de desviar. É uma movimentação no qual eu sinto como se o vento batesse em mim e fizesse meu corpo mudar de direção, ou somente o vento vem em minha direção e eu não deixo ele me tocar outras vezes faço ele utilizando as mãos, quando ela bate no meu peito eu mudo a direção.



Figura 6 - Desviar. Fonte: Acervo da pesquisa

- PEDAÇOS

“Pedaços” é quando movimento partes do corpo isoladas em sequência, começa no ombro vai para o outro em seguida para o tronco, para pernas e braços até mesmo para cabeça. Este relacionou-se com *Isolation* do *Popping* (CAMARGO, 2013).



Figura 7 - Movimentação de pedaços. Fonte: Acervo da pesquisa.

- TORNADO

“Tornado” é uma movimentação de rotação do tronco, que acontece pelo menos três vezes, tendo como inspiração o *Boogaloo* que é uma das subdivisões que o *Popping* possui que são rotações do corpo (RIBEIRO, CARDOSO, 2011).

Todas essas movimentações geralmente vêm acompanhadas de outras movimentações simultâneas ou reverberadas, em todos penso o vento como força da natureza, como o soprar uma vela para apagá-la, mas utilizo eles pensando relação, assim esse mesmo soprar pode ser alguém que foi embora, ou o que eu sou o vento indo para algum lugar o qual eu não sei no que irá resultar ou o de desviar para trazer todas as pessoas que me tocam ou simplesmente passam.

Na criação da composição eu comecei com uma movimentação X e na sequência vou para o movimento seguinte, em seguida para o próximo, as vezes eu retorno para a movimentação inicial e procuro outro caminho para ela tomar, ou sigo por outro movimento que pode ser o segundo ou terceiro, o importante é sentir se o

movimento é vento, se ele acontece confortável, se ele não quebra a dinâmica de forma brusca, mas sim apenas muda de direção. Se acontecesse a quebra recomeçava a experimentação novamente, partindo dos pontos que eu já tinha definido.

Outro ponto a ressaltar é a fluidez que aqui digo não é algo como a água de um rio, que segue um curso, mas algo que está indo em uma direção e pode, como o vento, ser quebrado, fragmentado e deslocado. O vento pode acontecer em partes do corpo diferentes ou aparentar não existir, como pode seguir uma direção e mudar para a contrária. A ideia é que ele sempre está ali, no meu corpo ou no ambiente.

Quando digo que pode acontecer em partes do corpo diferentes, é possível que eu esteja usando “Tornado” seguido de “Pedaços” ou até “Pensar que sou Vento” que inicia do centro do corpo e dispersa para as extremidades. Mas o mais importante é como associar com a metáfora de vento ou a temática. Como por exemplo eu vou pensar que sou vento, mas não apenas como força da natureza, mas como alguém que quer colocar todos sentimentos para fora, fazer meu vento, minhas sensações, eu tocar o outro.

Um ponto importante a lembrar, é que não estou propondo uma dança nova, pois mesmo elencando elementos que definem o vento e nomeando-os, toda essa prática ainda é uma perspectiva de criação em Dança de Rua. Como por exemplo, a maioria das minhas movimentações corporais vem do *Hip Hop Dance* e de outras danças e em minha proposta eu as utilizo como ferramentas de repertório coreográfico. Nesta perspectiva, relaciono esse repertório com a temática e minha forma de dançar o vento. Ou seja, não criando algo novo, mas sim partindo de danças existentes e trazendo-as para meu vento.

### 2.3 EU, VENTO



Figura 8 - Eu, Vento em processo. Fonte: Acervo da Pesquisa.

Tendo todos os pontos acima citados no corpo, comecei experimentando as das movimentações citadas, as quais me proporcionaram uma segurança assim como as *Party Dances*<sup>24</sup> e movimentações específicas de cada Subgênero das Danças de Rua. Para compreender melhor, a seguir eu trago uma descrição do trecho inicial do processo coreográfico, de que forma eu pensava cada criar, de onde eu partia, quais eram as barreiras e para onde eu e o vento seguia.

A que definiu o começo da construção coreográfica foi “Soprar”, pois na época eu queria colocar o sentimento para fora do meu corpo e esta foi a melhor movimentação para associar vento a como eu estava me sentindo. E como essa movimentação é direcionada para fora do corpo eu tinha que encontrar uma que pudesse dar continuidade, pois a ideia era continuar fluindo, como se fosse tudo uma coisa só. Assim a alternativa foi “Tornado”, a movimentação inspirada em

---

<sup>24</sup> Danças Sociais pag. 9.

*Boogaloo*, mas eu não queria me manter no mesmo lugar assim como vento eu queria transitar no espaço, sendo assim enquanto meu tronco faz a rotação meus pés por meio de transição de peso entre ponta e calcanhar pensando como na movimentação *The V*<sup>25</sup>, permitia ao meu corpo mover-se pelo espaço.

Depois do “Tornado” eu acreditava que a movimentação deveria ser uma total consequência dele. Experimentei várias alternativas, formas de descer ao nível baixo ao pensar na destruição que uma tornado pode deixar, porém meu corpo respondia com uma sensação de bloqueio ao tentar isso. Abandonando a ideia de me tornar a consequência do vento, resolvi continuar sendo ele, assim após as rotações segui com a movimentação de *waving*, e dessa forma eu era vento indo para outros espaços, com uma movimentação de onda que partia das escápulas em direção ao ombro direito, cotovelo pulso e mãos e estes indo para cima, baixo, frente e atrás do corpo e repetindo-os até encontrar o primeiro obstáculo, um moinho de vento feito com os braços.

Essa movimentação é a que chamo de “Pedaços”, a qual trabalho com movimentos em partes isoladas do corpo tendo como base inicial o *Isolation*.

Consiste na capacidade do dançarino isolar as partes do corpo que lhe convém durante a execução de sua dança. Logicamente é usada em outras técnicas ligadas ao Popping, como um elemento básico, mas, que também pode ser dançada ou considerada como Uma Linguagem à parte, assim como o *Liquid* ou o *Tuttin'*. (CAMARGO, 2013 p. 93)

Nessa movimentação eu faço duas rotações com o antebraço direito, junto à segunda rotação adiciono o antebraço esquerdo e executo mais uma rotação com o esquerdo, para finalizar a movimentação ao final da última rotação executo *waving* com o braço e esticando-o.

Após esticar o braço e utilizo uma contração muscular no tronco, impulsionando em direção ao braço esquerdo esticado, em seguida a rotação de tronco uma vez, e faço um *waving* com tronco para baixo direcionando-o para minha perna direita e movendo a para diagonal fundo em relação ao meu corpo.

Partido logo em seguida para um movimento chamado *Snake Heel Toe*<sup>26</sup>, para juntar ambos os pés, estico braço direito e giro em 180 graus em um plano

---

<sup>25</sup> Este é o original *Crip Walk*, quando desenvolvido, os *Crippers* levantavam seus corpos para fazer a forma da letra V com um ou com os dois pés e, a partir dessa primeira execução, os membros prosseguiram soletrando seus nomes ou palavras. (CAMARGO, 2013 p.97)

<sup>26</sup> movimentação de “pisar com o calcanhar e a ponta dos pés, ao invés do pé da frente executar o *twist* enquanto o pé de trás é arrastado para fora ou para junto.” (CAMARGO, 2013 p.98)

horizontal, sem mover o eixo do meu corpo. Mantendo a fluência do movimento eu altero o giro em 180° em um plano sagital alterando a profundidade do movimento que parte do da frente, encaminho em direção a parte de trás logo, ao completar o giro na parte de baixo a mão encosta na parte posterior na minha coxa direita, empurrando o meu joelho em direção ao chão.

Ao apoiar o joelho no chão coloco minha mão direita com apoio e estico a perna esquerda, em seguida jogo o peso do corpo em direção à mão, e rotacionando minha perna esticada arrastando-a no chão para trás do corpo assim apoiando a mão esquerda no chão permitindo que eu fique em quatro apoios com a barriga para cima.

Para continuar a fluência do movimento, eu giro no em cima do próprio corpo, apoiando apenas a perna e a mão esquerda, passando todo lado direito em cima do lado esquerdo, em seguida apoio o braço inteiro esticado no chão direcionando o peso para o meu ombro direito o que poderia ser chamado de *Drop*<sup>27</sup>, então joga o peso para as costas, continuando através de *Floor Rocks*<sup>28</sup> mantendo uma movimentação circular para direita, direcionando o corpo para uma preparação para um *Windmill*.

Movimento de giro no solo conhecido como Moinho de Vento. No nível baixo, na posição deitada, utiliza-se em relação à posição inicial, a rotação simultânea do corpo em torno de dois eixos principais, no eixo longitudinal, passando pela cabeça em direção aos pés e o eixo ântero-posterior, passando na altura da segunda vértebra torácica. (CAMARGO, 2013 p.80-81)

Após executar o *Windmill*, retorno para uma posição de quatro apoios e faço um rolamento para frente, ao fim do rolamento levanto e executo uma corrida de costas em círculos, como se fosse uma o próprio movimento da troca de direção do vento, logo em seguida corro para frente, até parar em um ponto para começar outro conjunto de movimentações.

As movimentações seguintes são um conjunto de gestos que representam e referenciam pessoas que cruzaram minha trajetória tanto como artista como pessoa, por este motivo é um conjunto de movimentações com uma alteração de fluxo<sup>29</sup>. Um

---

<sup>27</sup> “São os movimentos usados para transitar entre o nível alto, em pé, e o baixo, no chão, quase como uma queda, já preparando para os Footworks.” (CAMARGO, 2013, p.79)

<sup>28</sup> É a movimentação de chão do breaking, movimentação que acontece no plano baixo, em que o dançarino transita entre apoios também conhecidos por Footworks (CAMARGO, 2013).

<sup>29</sup> Refere-se à manifestação dinâmica e contínua da força e pode ser contínuo ou interrompido. Iniciar e retroceder, pausar e continuar podem ser considerados interrompidos. Contínuos são os movimentos sem intervalos, seguindo uma força fluida (NASSUR, 2012).

esticar o braço contínuo, recolhê-lo de forma súbita, em seguida uma rotação com a cabeça e interrompê-la com uma contração no abdômen junto de esticar os braços por meio de um Waving. São todos gestos pequenos que conversam muito com a movimentação de pedaços e executei eles diversas vezes até recomeçar com soprar.



Figura 9 - Recomeço. Fonte: Acervo da pesquisa

Depois de “Soprar”, começo movimentações de *waving* as quais percorrem o corpo, encontrando outras movimentações que me movem pelo espaço ou me levam ao conjunto de movimentações disparadoras, assim recomeçando novamente.

Todas essas movimentações se construíram relacionadas com os tempos da música e o pulso musical<sup>30</sup>. Inicialmente o trabalho se desenvolveria em um espetáculo coreográfico de 30 minutos, e seriam utilizadas diversas músicas, mas como mencionado anteriormente devido a Pandemia de COVID19 o trabalho foi construído com apenas duas músicas.

As músicas que utilizo são: “Tudo é um aprendizado”<sup>31</sup> do *Beatmaker* Nightmare Beats<sup>32</sup> ou Mailson Santiago, que morou comigo durante todo processo

---

<sup>30</sup>Os movimentos do corpo sempre se dão em um tempo delimitado, obedecendo a um compasso (unidade rítmica marcada pelo pulso) (NASSUR, 2012). Esse pulso é a marcação contínua de tempo em uma música.

<sup>31</sup>Música do álbum A.Q.S.R.P.A.S do artista Nightmarebeats, Disponível na plataforma Spottf em: <<https://open.spotify.com/track/0rt039akYMstJvZVcdp9Bf?si=d04546cb9bce4d31>>

<sup>32</sup>Beatmaker brasileiro e estudante do curso de História da UFPel informações disponível em: <[https://linktr.ee/Nightmare Beats](https://linktr.ee/Nightmare_Beats)>

da graduação. e a música *ICE BOX*<sup>33</sup> do cantor Omarion, em uma versão instrumental, essa foi escolhida por ser a primeira música utilizada quando comecei minha trajetória na dança, assim dando início ao soprar dos ventos.

---

<sup>33</sup> Música disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=jQybgJCswF0&ab\\_channel=OmarionVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=jQybgJCswF0&ab_channel=OmarionVEVO)>

### 3. TEMPESTADE PASSOU

Este trabalho tratou de produzir dança e desenvolver um olhar sobre este fazer artístico. Minha trajetória e, por consequência, o solo “Eu, Vento”, têm as Danças de Rua como principal base de fundamentos. Assim, construí uma pesquisa *em arte* que teve como objetivo compreender e estabelecer minha forma de criação em dança. Percebo que essa pesquisa, ao dar suporte para a reflexão sobre a teoria e a prática, contribui para minha construção enquanto professor-artista-pesquisador.

Este trabalho gerou um processo de descoberta a partir do desenvolvimento de um processo artístico que foi construído em conjunto com a parte teórica. Através disso, foi possível tecer avanços teóricos e práticos em relação à pesquisa sobre criação em Dança de Rua, tendo em vista que, a maioria dos trabalhos acadêmicos relacionados a essa prática de dança, estão centrados em falar sobre o que é Dança de Rua/Danças Urbanas ou como são as características delas, tanto como um panorama geral ao descrevê las como conjunto de danças ou ao falar como se constitui cada subgênero. Desta forma, em meu trabalho busquei proporcionar uma possibilidade sobre o fazer dessas danças, enfatizando mais o processo do que as características da Dança de Rua em si.

Assim, explorei o que era esse vento que percebia ao me mover. Partindo de dois pontos, consegui compreender que o vento não está ligado aos subgêneros e gêneros da Dança de Rua, mas sim está conectado às movimentações e aos movimentos, de forma que a importância não está no que estou dançando, mas sim como estou fazendo.

Compreendi, através de minha dança, o vento como aquilo que une, que está ligado a transitar de um para o outro, que costura movimentos. Foi isso que deu origem às células coreográficas que desenvolvi e que deram origem a coreografia de “Eu, Vento”. Como por exemplo em um momento ta parte final da coreografia ao pensar a dança como vento permitiu que eu unisse uma movimentação de *waving* (que é uma técnica de Popping) e um *Ground Move*<sup>34</sup>, e assim saindo desse movimento para algo no nível alto. A metáfora do

---

<sup>34</sup> Movimentações que acontecem no nível baixo com a utilização de diversos apoios como ambos, mãos, joelhos e pés encostados ao chão no chão . São movimentações geralmente relacionadas aos *Footworks* do *Breaking*.

vento permitiu-me sentir e perceber as movimentações de uma forma fluida, que surgem uma ligada à outra.

Entender minha prática, permite que eu transmita de uma forma mais consistente o meu processo de criar, permitindo uma outra ferramenta de ensino além da reprodução como ferramenta de aprendizado. Também permite que outros dançarinos possam seguir as instruções deste processo coreográfico, e desenvolvam releituras dessas construções coreográficas de forma única e individual. Também vale lembrar que essa concepção de vento tem relação com as sensações corporais, de forma que ao criar ou recriar, partindo das ideias propostas, o corpo esteja sempre em harmonia, de forma que esses movimentos sempre sejam confortáveis e orgânicos, de modo que uma movimentação esteja se encaminhando de forma mais corporalmente fácil, isto de acordo com as vivências e estruturas corporais de quem executa a coreografia.

Outro elemento interessante que compreendi nesse processo foi entender como minhas vivências corporais definem a forma como eu me movo e como isso influencia no meu processo artístico.

Cada experiência nos transforma e nos constitui como artistas, mudando a forma como criamos arte. As experiências de fazer aula e ser dançarino da Rua em Cena, além das minhas experiências pré-UFPel, ou durante a graduação nos laboratórios das disciplinas, alteraram também como eu danço, crio trabalhos artísticos e assim permitindo que eu entenda como criar o Vento.

Essas experiências anteriores juntamente com o entender meu próprio processo artístico contribuem para o meu eu-professor. Entender meu próprio modo de criar, faz com que inúmeras possibilidades de ensino sejam possíveis, como experimentações pela prática de vento, ou pelas técnicas de Danças de Rua, inclusive de criação artística partindo das experiências dos alunos.

Entender minha dança permite um olhar mais sensível para as sensações humanas e uso de metáforas como possibilidade de descoberta e auto reconhecimento de uma pessoa sobre si mesmo quanto corpo.

Acredito que esta pesquisa é importante, pois traz uma outra perspectiva de um fazer artístico de Dança de Rua, percebendo formas de transmitir e criar dança. Tendo em vista que pela minhas experiências a maioria dos processos

criativos de danças urbanas partem das técnicas, ou de um foco principal na musicalidade, tendo temática e sensações corporais como elemento secundário.

Também é importante que mais trabalhos de cunho artístico sejam realizados, sempre fazendo perceber a importância do ser artista e professor podem ser algo em conjunto, buscamos assim desenvolver a consciência corporal e crítica dos alunos.

Este estudo traz questões e provocações muito relacionadas com meu próprio fazer artístico, porém ao mesmo tempo não esgota respostas, pois abre portas para discussões que vão além das minhas experiências com dança.

### 3.1 VENTANDO

Neste último componente desta escrita, apresento como foi a apresentação da performance “Eu, Vento”, produto final da parte prática desta pesquisa. A performance foi apresentada para a banca e para o público presente no dia da defesa de forma online<sup>35</sup> com link disponível na plataforma Google Meet.

A apresentação aconteceu no dia 30 de junho de 2021 as 14:00 horas, na cidade de Pelotas (RS). O espaço utilizado foi o pátio externo da Casa de estudantes da Universidade Federal de Pelotas, mediante a autorização da Pró- Reitoria de Assuntos Estudantis.

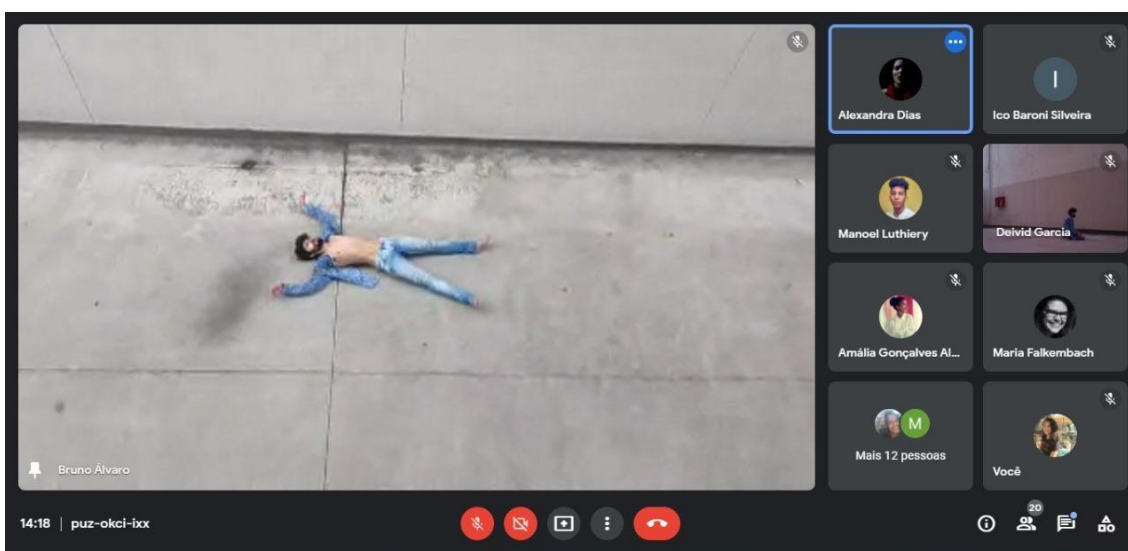


Imagem 10 - Pátio Externo. Fonte: Acervo da Pesquisa

No dia da apresentação, estava nublado, ventando (para minha alegria) e a temperatura bem baixa. Inicialmente achei que iria chover, mas mesmo assim eu iria apresentar a dança mesmo na chuva.

Para os preparativos eu posicionei três câmeras em locais diferentes, uma com a visão para frente inicial, a segunda em uma diagonal para frente inicial e uma posicionada na sacada do apartamento no qual moro na casa de estudantes esta na qual meu colega de casa, Bruno Gualberto, gravava a dança. Desta forma, busquei permitir que quem estivesse assistindo escolhesse o ângulo para assistir ao trabalho. Como dito anteriormente, eu pretendia que a dança acontecesse de forma presencial em um ambiente

<sup>35</sup> A apresentação para a banca foi realizada desta maneira devido a necessidade de isolamento social em razão da pandemia da Covid-19.

urbano, permitindo que as pessoas se posicionassem a sua própria escolha. Assim, as múltiplas câmeras e ângulos foram uma alternativa para manter essa ideia. Posicionei uma caixa de som para a execução das músicas escolhidas para o trabalho. Quando dei a autorização e coloquei a música para tocar, comecei a dançar. Inicialmente comecei pelo trecho descrito nas páginas 31 até pág 34, e continuei a parte coreográfica até a conclusão do material ensaiado, o qual durou aproximadamente 6 minutos.

Após a conclusão da apresentação percebi que uma das câmeras tinha caído e desconectado da chamada, justamente foi a câmera que reproduziria o som, assim a apresentação para o público e para a banca não teve som, porém eu dancei o trabalho de acordo com as músicas.

Outro ponto interessante a ressaltar é que a conexão com a internet não estava muito boa, sendo assim as câmeras não executavam as movimentações ao mesmo tempo, gerando assim um atraso na imagem, o que proporcionou uma estética diferente para o trabalho. Mas, levando todos esses pontos em consideração, decidimos não refazer a apresentação e deixamos apenas naquela forma única na qual aconteceu, considerando que todo o trabalho performático está sujeito a imprevistos.

Mesmo não sendo de modo presencial, acredito que foi possível transmitir a subjetividade e energia proposta pelo meu trabalho. O atraso na imagem proporcionou a ideia de dança que só acontece em um momento e que nunca vai ser igual novamente. Também decidi colocar no blog um trecho gravado pela Prof. Alexandra Dias, assim permitindo um acesso ao momento da dança.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verónica; SCIALOM, Melina. **Dramaturgia na Dança: manipulação de energia no processo**. Revista Cena, Porto Alegre, nº 29, p. 100-112 set./dez. 2019. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/cena> Acessado em: 12/06/2021 às 12:23.

BIANCHINI, Henrique. Glossário 04 - Danças Sociais (Party Dances). **Perfil do Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BfLgrzHFoWY/>>. Acessado 16/06/2021 às 23:25

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. 159 p. (Coleção visualidade V.4).

CAMARGO, Emerson. **A dança de relações e experimentação**. Curitiba: Íthala, 2013.

COLOMBERO, Rose Mary Marques Papolo. **Danças Urbanas: uma história a ser narrada**. Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – FEUSP, 2011.

DANTAS, Mônica. **A pesquisa em dança não deve afastar o pesquisador da experiência em dança: reflexões sobre escolhas metodológicas no âmbito da pesquisa em dança**. Revista da FUNDARTE. Montenegro, ano 7 n. 13 e n. 14, 2007. p. 13-18.

DUARTE, Taison Furtado. **ENSINO DE DANÇAS URBANAS HOJE: um estudo sobre práticas artístico-pedagógicas contemporâneas na cidade de Pelotas – RS, a partir do olhar docente**. 2016. 173f. Trabalho de Conclusão de Curso (Dança Licenciatura) – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

EJARA, Frank. **O NOVO TERMO "DANÇAS URBANAS"**. Blog do autor. 2011. Disponível em: <<http://frankejara.blogspot.com/2011/10/o-novo-termo-dancas-urbanas.html>> acessado em: 22/03/2021 às 11:50.

FIGUEIREDO, Cândido. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 1ª Ed. 1913. 1284 p.

FREITAS, V. A.. **Quais os universos imaginários compõem as criações coreográficas dos coreógrafos que vem das Danças Urbanas?**. Publicação digital site In BARRIL Revista de Crítica das Artes Cênicas, Salvador-BR, 2016.

GUARATO, Rafael. **Dança de rua: corpos para além do movimento**. Uberlândia, Eduff, 2008.

GUARATO, R. (2020). **OS CONCEITOS DE “DANÇA DE RUA” E “DANÇAS URBANAS” E COMO ELES NOS AJUDAM A ENTENDER UM POUCO MAIS SOBRE COLONIALIDADE** (Parte I). *Arte Da Cena (Art on Stage)*, 6(2), 114–154.

MACHADO, Carlos Eduardo Motta. **DANÇAS URBANAS: busca de identidade e transformação do jovem contemporâneo**. 2013. 55f. Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Graduação em Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

NASSUR, Octávio. **Culinária Coreográfica: Desmedidas e receitas para iniciantes na Cozinha Cênica**. Porto Alegre: Ed. do autor, 2012.

OXLEY, Tauana. **DANÇAS URBANAS: possibilidades pedagógicas para o Ensino Médio das Escolas públicas de Pelotas/RS**. 2013. 95f. Trabalho acadêmico (Graduação)—Licenciatura em Dança. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PIMENTEL, S. **O livro vermelho do hip hop**. 1997. Monografia (Graduação em Jornalismo). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban I**. 2001. 146f. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas,SP , 2001.

RIBEIRO, Ana; CARDOSO, Ricardo. **Dança de Rua**. Campinas: Átomo, 2011.

SILVA, Ana Cristina Ribeiro: **Dança de rua: do ser competitivo ao artista da cena**. 2014. 297 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas (SP).

VIEIRA, David Ferreira. **Hip Hop Dance: vocabulário poético e possibilidades de criação**. 2018. 63f. Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Graduação em Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas.